

Técnico defende órgão fiscalizador

A probabilidade de se adivinhar onde um raio vai cair pode ser comparada, a grosso modo, com a chance que um apostador da Sena tem de acertar os números que serão sorteados pela Caixa Econômica. É um acaso muito grande mas, assim como quase toda semana alguém consegue acertar as dezenas, um dia um raio pode cair, por exemplo, nas instalações de um posto de gasolina. Para evitar que isso aconteça, o professor Argemiro Cardoso defende a criação de um órgão específico para fiscalizar a instalação e a manutenção dos pára-raios.

O professor ressalta que este órgão deveria ter aparelhos e técnicos especializados para o trabalho e, inclusive, poderia ser ligado ao Corpo de Bombeiros ou ao Sindicato dos Engenheiros. "O que não pode é a situação continuar como está, expondo o patrimônio e a vida de milhares de pessoas", destaca o titular do Departamento de Engenharia Elétrica da UnB.

Argemiro Cardoso acrescenta que a ignorância e a omissão são as responsáveis pela situação dos pára-raios dos prédios de Brasília. Segundo ele, os engenheiros que cuidam do projeto e da instalação dos equipamentos contra as descargas elétricas não estão preparados para esse trabalho. E mesmo mal instalados, os pára-raios vão ficar funcionando mal até que aconteça um acidente, já que não existe um órgão fiscalizador e a maioria da

Ivaldo Cavalcante 6.1.89



Sucam: Pára-raios frustrou

população desconhece os cuidados com que devem ser mantidos.

Problemas

E a falta de cuidados com os equipamentos já prejudicou, sómente este ano, mais de 200 mil pessoas. As violentas tempestades que atingem a cidade desde o início de janeiro provocaram na primeira semana de 1989 uma pane no sistema elétrico do reservatório de água do Torto e outra nas redes telefônicas do Cruzeiro e Setor de Indústrias. As duas causadas pelo mal funcionamento dos pára-raios, atingidos por descargas elétricas.

No SIA, por exemplo, um raio caiu num poste de eletricidade. Tu-

do indica que o pára-raios não funcionou. A descarga, então, retornou pelos fios e atingiu todo o prédio da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), destruindo as instalações e danificando os cabos telefônicos. Só não houve uma tragédia porque era domingo e só estava no edifício o vigilante Marcelo Silva.

Ao perceber a descarga, o vigilante, que, por sorte, não estava encostado em nenhuma parede, correu até o subsolo do prédio e desligou o sistema, impedindo o curto circuito que poderia provocar um incêndio. Os primeiros levantamentos da Sucam detectaram que as duas bombas d'água e a central telefônica com 16 troncos e 54 raios foram queimadas.

A potência do raio foi tamanha que as lojas dos trechos 3 e 4 foram atingidas, embora em menor grau. A Eldorado e outras empresas tiveram seus telefones e telex queimados. A descarga provocou também a destruição da rede telefônica do SIA e do Cruzeiro, deixando 5 mil pessoas sem comunicação durante quase uma semana.

Um raio que caiu na estação do Torto deixou a Asa Norte com problemas de abastecimento, prejudicando 200 mil pessoas nos quatro primeiros dias do ano. O Corpo de Bombeiros está concluindo os laudos dos acidentes, que fazem parte de um pequeno número que chegam ao conhecimento da corporação.